

JUVENTUDE E CULTURA NO SÉCULO XXI: A LEITURA LITERÁRIA

Rosimeiri Darc Cardoso¹

Nossa vida é afetada constantemente pelos efeitos da globalização, mas muitas pessoas ainda não conseguem vislumbrar como isso acontece. A globalização é um fenômeno desencadeado com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação – TIC, por meio das quais é possível acompanhar grandes acontecimentos em tempo real, de forma que as fronteiras que existiam separando os povos, as culturas, segundo limites estabelecidos geográfica, política ou historicamente, acabaram por diluir-se, formando o que se costuma chamar de ‘aldeia global’.

Para Souza (2008), a globalização atua na cultura, na política, na economia e na vida social, afetando as pessoas, em função de uma série de mudanças ocorridas em valores e padrões, vindo a desencadear o que se denomina de “Terceira Cultura” ou “Cultura Híbrida” (CANCLINI, 1998, apud SOUZA, 2008). É comum também denominar-se de cultura global, numa tentativa de integração e inclusão das culturas locais em uma única cultura, mais abrangente, responsável por promover a interação das diversas culturas. Todavia, observa-se que, em função das práticas de mercado, não ocorre a integração, mas uma convivência pacífica entre elas.

Considerando esse cenário, verifica-se que os avanços das novas tecnologias, embora não tenham atingido a proposta de integração cultural, contribuíram para o acesso à cultura, à literatura, de forma que pudessem chegar a todos, ficando a critério do destinatário como experienciar as diferentes manifestações culturais. Ainda assim, torna-se fundamental um trabalho de mediação, que passou a ser feito pela mídia, sempre voltada para o mercado. De acordo com Souza (2008), a mídia “se constitui em agente da maior importância para a disseminação de cultura e que, democratizada, pode vir a ser um grande fator de recomposição e de expressão de culturas, valores e estéticas locais”.

Levando em conta o contexto exposto, este texto pretende apresentar a relação entre juventude, cultura e leitura literária no ciberespaço, tendo como ponto de partida a proximidade existente entre texto literário e hipertexto, bem como a familiaridade do jovem com este produto. Pretende-se contribuir para delinear estratégias de ação para fomentar o consumo cultural dos jovens, com destaque para a leitura de literatura.

O público em questão: a juventude

Os estudos sobre a juventude vêm ganhando espaço nos últimos tempos, em especial no que se refere à própria discussão de uma caracterização deste público. Há várias perspectivas a respeito, oriundas de diferentes áreas, como a psicologia, as ciências médicas e a sociologia. De modo geral, o que se afirma é que se trata de um período de transição entre a infância e idade adulta, marcada não só pela faixa etária como também pelos conflitos vivenciados pelo indivíduo.

Neste trabalho, adota-se a perspectiva da sociologia de que a juventude é uma categoria social, “[...] uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos” (GROPPO, 2000, p. 7-8). Tal conceituação leva em conta fatores externos a essa categoria, tais como a criação das instituições modernas do século XIX e XX,

¹ Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Apucarana-PR, Brasil. E-mail: rosimeiri.cardoso@unespar.edu.br.

a saber: a escola, o Estado, o direito; as quais se valeram das estruturas de classes e da cronologização do curso da vida (GROPPO, 2000).

De acordo com o autor, duas considerações devem ser levadas em conta, quando se trata de juventude. A primeira delas está relacionada ao uso dos termos adolescência e juventude, fases sucessivas do desenvolvimento individual; esta como fase mais próxima da idade adulta e aquela como mais próxima da infância. Para fins deste estudo, não será feita distinção dos termos por considerar que tanto uma como outra fase se fazem representar social e culturalmente.

A segunda consideração diz respeito à diversidade que abarca o termo juventude, de modo que se tem muitas facetas de uma mesma categoria social, considerando o recorte sociocultural: classe social, estrato, etnia, religião, mundo urbano e mundo rural, gênero, e tantos outros recortes possíveis. Desta forma, segundo Groppo (2000, p. 15), “cada juventude pode reinterpretar à sua maneira o que é “ser jovem”, contrastando-se não apenas em relação às crianças e adultos, mas também em relação a outras juventudes”.

Observa-se, portanto, que não se trata apenas de limites baseados em critérios objetivos, mas em representações e situações sociais, cujas formas e conteúdos influenciam na sociedade. Como bem aponta o autor, a juventude é simbolizada e vivida na diversidade do cotidiano, a partir de combinações com outras situações sociais e tantas outras diferenças com as quais ressignifica objetos, experiências, linguagens, a fim de se incluir em determinado grupo social ou determinada sociedade.

Hobsbawm (1995) defende a ideia de uma “cultura juvenil”, a partir das mudanças ocorridas nas famílias, marcando uma mudança profunda na relação entre as gerações, fazendo a juventude emergir como agente social independente.

A nova “autonomia” da juventude como uma camada social separada foi simbolizada por um fenômeno que, nessa escala, provavelmente não teve paralelo desde a era romântica do início do século XIX: o herói cuja vida e juventude acabavam juntas. [...] O surgimento do adolescente como ator consciente de si mesmo era cada vez mais reconhecido, entusiasticamente, pelos fabricantes de bens de consumo, às vezes com menos boa vontade pelos mais velhos, à medida que viam expandir-se o espaço entre os que estavam dispostos a aceitar o rótulo de “criança” e os que insistiam no de “adulto” (HOBBSAWM, 1995, p. 318)

A justificativa para tal afirmação tem por base três aspectos. O primeiro se baseia na crença de que a juventude não era vista como um estágio preparatório para a vida adulta, mas como o estágio final do pleno desenvolvimento humano. Neste sentido, expõe a contradição de que o mundo, governado por uma gerontocracia, detentora de poder, influência e realização, contrastava com o vigor, a força e a determinação dos jovens, o que significava uma organização de forma insatisfatória.

O segundo aspecto, derivado do primeiro, leva em conta o fato de a juventude ter se tornado fator dominante nas economias de mercado desenvolvidas. Considerando que as novas gerações de adultos foram socializadas como integrantes de uma cultura juvenil autoconsciente, além de conviverem muito mais próximos às mudanças tecnológicas, representavam uma massa concentrada de poder de compra. “O que os filhos podiam aprender com os pais tornou-se menos óbvio do que o que os pais não sabiam e os filhos sim.” (HOBBSAWM, 1995, p. 320).

Por fim, o terceiro aspecto da nova cultura juvenil nas sociedades urbanas está ligado ao seu internacionalismo. As fronteiras diluíram-se e as preferências juvenis encontraram na cultura espaço para a expansão: o *blue jeans*, o *rock*, a indústria cinematográfica, o surgimento da televisão, possibilitaram que as “minorias” se tornassem “maiorias”. O estilo juvenil

difundi-se através da distribuição mundial da imagem, dos contatos internacionais, das universidades, pela força da moda na sociedade de consumo, que atingia às massas, dando origem a uma cultura jovem global.

Segundo Groppo (2000), a multiplicação dos grupos juvenis informais contribuíram para o crescimento dos espaços de lazer, da cultura de consumo e da indústria cultural no século XX. Os jovens se constituem nesses espaços; a conexão entre cultura e diversão reforça a identidade do jovem. A relação entre juventude e lazer favoreceu o crescimento da indústria cultural, mediatizada pelo desenvolvimento das tecnologias de comunicação.

É na ocupação de espaços próprios, na prática de atividades diferenciadas que os jovens se constituem; a conexão entre cultura e diversão reforça a própria identidade do jovem que, muitas vezes, afirma que “ser jovem” é “aproveitar / curtir a vida”. Neste sentido, os jovens são visto, por muitos, como despreocupados, alienados, descompromissados com as questões mais sérias. Todavia, é nesse espaço que os jovens podem socializar-se, elaborando identidades individuais e coletivas, permitindo que sejam realizadas trocas de descobertas e preocupações, vivenciadas experiências mais livres que nos espaços escolares ou familiares. Nessa perspectiva, é possível dizer que a relação entre juventude e lazer veio favorecer o crescimento da indústria cultural, mediatizada pelo desenvolvimento crescente das tecnologias de comunicação.

A cultura e a literatura mediatizadas pela tecnologia

Morin (1977, p. 14) destaca que uma cultura “orienta, desenvolve, domestica certas virtualidades humanas mas inibe ou proíbe outras”. Assim, é possível dizer que há, de um lado, uma cultura que define as qualidades humanas e, de outro lado, culturas definidas pela época e pela sociedade. Neste sentido, cabe estabelecer o que se entende por cultura de massa, considerando a influência que exercem as novas tecnologias de comunicação e informação:

Cultura de massa, isto é, produzida segundo as normas maciças da fabricação industrial; propagada pelas técnicas da difusão maciça (que um estranho neologismo anglo-latino chama de “mass media”); destinando-se a uma massa social, isto é, um aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos aquém e além das estruturas internas da sociedade (classes, família, etc.). (MORIN, 1977, p. 14)

Neste aspecto, compreende-se que o desenvolvimento de uma cultura juvenil esteja intrinsicamente ligada ao desenvolvimento de uma cultura mediatizada pelo avanço industrial, pela sua difusão e circulação entre um grupo social, denominado juventude, que se identificam com os novos produtos. Ao longo dos tempos, as novas tecnologias de informação e comunicação colaboraram com a formação de uma rede de produção e difusão dos produtos culturais, tornando-os presentes em todos os lugares do mundo. Para Oliveira (2010, 96), “A forma como a informação, o conhecimento e a cultura são produzidos e intercambiados em nossa sociedade afeta a maneira como percebemos o mundo, como vislumbramos perspectivas futuras e como agimos para que se consubstanciem”.

Por essa razão, torna-se importante compreender a leitura literária mediada pela tecnologia, visto que as inovações na produção literária bem como as práticas leitoras precisam ser compreendidas em relação aos elementos de ruptura, que instigam a criatividade e a inventividade, mas também devem ser compreendidas nos aspectos de continuidade do texto, no comprometimento com os processos históricos (SALDANHA, 2006). Significa dizer que o texto literário no ciberespaço também dialoga com outros textos e tradições da cultura, de forma

que neste diálogo a literatura se constrói, transpondo barreiras geográficas, étnicas, históricas e culturais.

De acordo com Saldanha (2006), a linearidade do texto impresso, bem como a hierarquização, desaparecem; possibilitando ao leitor tornar-se coprodutor no hipertexto, o que representa um avanço, podendo dizer até mesmo um tipo de vanguarda sem precedentes. Nesta direção, o texto literário em meio digital teria o poder de formar leitores-produtores, livres e abertos ao diálogo, criando comunidades descentradas que possam fruir uma experiência estética e literária que não se prenda a imposições ou limitações de qualquer natureza. Para o autor, as condições de formação de leitores/produtores em meio digital podem proporcionar a democratização do ensino de literatura, contribuindo para uma sensibilidade estética que a escola ou o saber literário formal podem não ter alcançado, considerando as possibilidades e limitações do livro impresso. Sobre este aspecto, Santos (2003) afirma:

Em resumo, esse esboço de leitor do ciberespaço mostra-nos como atores/organizadores que lêem, representam, atormentam, desfocam, deformam e tocam adiante um texto que, vindo de outros leitores e *loci*, recebe inflexões e significações de que talvez nem suspeitássemos. Construimos um texto tramado e tecido em um espaço coletivo, um texto dado pela voz singular do ator/organizador à multidão que aplaude, vaia, contesta, aceita, recolhe, mas participa sempre, evidentemente, dessa construção coletiva de significações e de textos. A navegação pelo ciberespaço, vista como dramatização ou espetacularização de nós próprios, do hipertexto e de outros leitores/atores, poderá mostrar um caminho efetivo em que, definitivamente, não precisaremos mais nos curvar a essa melancolia de significações excessivas ou de mistificações tecnológicas.

Diante das considerações acima, entende-se que o estudo da literatura no ambiente virtual, para o momento, é de fundamental importância, uma vez que o ciberespaço oferece oportunidades com as quais o público juvenil tem familiaridade. Aliada à familiaridade do leitor ao ambiente, o estudo do consumo cultural dos adolescentes é fundamental para subsidiar um trabalho que tenha em vista a formação de leitores de literatura, não só como entretenimento mas, sobretudo, como forma de conhecimento do homem e do mundo.

Verifica-se que o desenvolvimento das novas tecnologias trouxeram impactos significativos na cultura e na literatura e isso pode ser observado nas possibilidades de leitura e vivência estética que a literatura em meio digital pode proporcionar, ou ainda, pela liberdade na diluição de qualquer barreira que possa existir entre autores e leitores/produtores. Seguindo este percurso, pode-se pensar na formação de leitores críticos e autônomos, capazes de transitar por diferentes suportes da leitura literária.

Referências

ECO, Umberto. Cultura de massa e “níveis” de cultura. In: _____. **Apocalípticos e integrados**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 33-67

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude**. Ensaio sobre Sociologia e História das juventudes Modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**. O breve século XX 1914-1991. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MORIN, Edgar. A integração cultural. In: _____. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo – I: neurose. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1977. p. 11-85.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. Participação: para pensar políticas culturais no século XXI. **Políticas Culturais em Revista**, n. 1 (3), p. 93-101, 2010. Disponível em: <<http://www.politicasculturaisemrevista.ufba.br>>.

SALDANHA, L. C. D. Literatura e semiformação no ciberespaço. **Texto Digital**, Florianópolis, ano 2, n. 2, dez. 2006.

SANTOS, Alckmar. **Leituras de nós**: ciberespaço e literatura. São Paulo: Itaú Cultural, 2003. (Rumos Itaú Cultural Transmídia).

SOUZA, Valmir de. **Cultura e literatura**: diálogos. São Paulo: Editora do Autor, 2008.